



SIMPÓSIO DE INTEGRAÇÃO, INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

CERRADO ADENTRO:

Formação Docente por meio do Programa Residência Pedagógica de Geografia/IFB

Luan do Carmo da Silva¹

Tayline Emanuele Carrilha Ribeiro da Costa²

Alisson Davi Silva Gomes³

RESUMO: Este texto tem por objetivo analisar o potencial formativo do trabalho de campo na formação inicial do docente de Geografia. Para tanto, recorre-se a experiência vivenciada no âmbito do Programa Residência Pedagógica na Trilha do Trem e Fazenda Água Limpa. Para alcançar este objetivo fez-se uso de uma abordagem qualitativa para análise dos dados, os quais são oriundos dos registros produzidos pelos residentes e escolas vinculadas ao subnúcleo de Geografia. Os resultados evidenciam que o trabalho de campo contribuiu para o amadurecimento da compreensão sobre o espaço geográfico e suas múltiplas dimensões. Destacam-se a ampliação da leitura crítica da paisagem, a capacidade de identificar diferentes formas de uso e ocupação do solo, além do reconhecimento das potencialidades educativas dos ambientes naturais do Cerrado.

Palavras-chave: Licenciatura em Geografia; Trilha do trem; Trilha interpretativa; Trabalho de campo; Aula de campo.

ABSTRACT: This text aims to analyze the formative potential of fieldwork in the initial training of Geography teachers. To this end, we draw on the experience gained within the Pedagogical Residency Program at Trilha do Trem and Fazenda Água Limpa. To achieve this objective, we used a qualitative approach to analyze the data, which came from records produced by residents and schools linked to the Geography sub-center. The results show that fieldwork contributed to the maturation of the understanding of geographic space and its multiple dimensions. The highlights include the expansion of the critical reading of the landscape, the ability to identify different forms of land use and occupation, and the recognition of the educational potential of the natural environments of the Cerrado.

Keywords: Geography Teacher Education; Trilha do Trem; Interpretative Trail; Fieldwork; Field-Based Learning.

¹ Docente do IFB Campus Riacho Fundo. Mestre em Geografia. Atuou como orientador do Programa Residência Pedagógica do curso de Licenciatura de Geografia entre novembro de 2022 a abril de 2024. Contato: luan.silva@ifb.edu.br.

² Professora de Geografia. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Geociências Aplicadas e Geodinâmica na Universidade de Brasília. Ex-bolsista do Programa de Residência Pedagógica do curso de Licenciatura em Geografia (2023). Contato: tayemanuele@gmail.com.

³ Geógrafo do ICMBIO. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geociências Aplicadas e Geodinâmica na Universidade de Brasília. Contato: alisson.davi1998@gmail.com.

Introdução

O curso de licenciatura de Geografia do Instituto Federal de Brasília (IFB) foi criado no ano de 2018 tendo recebido sua primeira turma em 2019 (IFB, 2018). Trata-se de um curso noturno que atende majoritariamente alunos trabalhadores no contexto de uma metrópole fragmentada e polinucleada, que tem parte significativa de sua população apartada de determinadas benesses de um contexto metropolitano (Paviani, 2010). Essas questões institucionais e socioespaciais interferem diretamente no formato e funcionamento do mencionado curso, uma vez que parte dos estudantes abandona a formação devido a necessidade de percorrer longas distâncias para estudar diariamente, ou ainda precisam abrir mão da formação acadêmica em prol de vagas de emprego que minimamente garantam a sobrevivência de si e dos seus (IFB, 2024).

Desde sua criação o curso, juntamente com a instituição, tem buscado garantir a permanência e o êxito de seus estudantes por meio de diversas iniciativas, as quais vão desde a oferta de auxílio permanência até a vinculação dos estudantes a programas de bolsas e fomento à pesquisa, ensino e extensão. É nesse sentido que o Programa Residência Pedagógica (PRP) ganhou notoriedade ao destinar quinze bolsas a estudantes durante o período de dezoito meses (Silva, 2025). Ressalta-se ainda que, no contexto deste programa três professores da educação básica e um professor de ensino superior foram igualmente contemplados com bolsas para viabilizar o planejamento, execução e avaliação das iniciativas formativas constituintes do plano de ação do Programa. O que garantiu que situações de formação inicial e continuada fossem implementadas conjunta e dialogicamente.

Ainda que iniciativas como essa possam ser consideradas exitosas (Silva, 2020), seus meandros são atravessados por dificuldades e entraves de diversas naturezas. O IFB teve seu projeto institucional de Residência Pedagógica aprovado em quinto lugar no ranking nacional de propostas (Capes, 2022). De todo modo, isso não foi impeditivo para que as iniciativas apresentadas nos planos de trabalho dos subnúcleos (Biologia, Dança, Física, Geografia, Letras – Inglês, Letras – Português, Matemática, Pedagogia e Química) precisassem passar por adequações e/ou reformulações. Uma das questões evidenciadas no início do Programa foi o descompasso dos calendários escolares – educação básica e IFB. De acordo com Costa (2024), esse fator se apresentou na condição de empecilho para que todos os residentes fossem inseridos no cotidiano de suas respectivas unidades escolares.

Dessa maneira, e considerando o eixo central proposto para a formação docente do subnúcleo de Geografia – os multiletramentos – foram viabilizadas atividades formativas que

atendessem às prerrogativas do projeto institucional e viabilizassem a formação dos residentes sob a perspectiva de uma aproximação entre teoria e prática. Dentre essas atividades, destaca-se a visita realizada à Trilha do Trem e Fazenda Água Limpa (FAL) da Universidade de Brasília (UnB).

Sob os pontos apresentados, este texto tem por objetivo analisar o potencial formativo da mencionada visita considerando a práxis como uma dimensão da formação docente viabilizada pelo PRP. Para alcançar este objetivo fez-se uso de abordagem qualitativa para análise dos dados, os quais são oriundos dos registros individuais e coletivos produzidos pelos residentes e escolas-campo vinculadas ao subnúcleo PRP/Geografia/IFB. Parte-se da defesa de que as atividades realizadas ao longo da vigência do Programa estão inter-relacionadas e podem ser avaliadas sob o mesmo prisma, de modo que ainda que tenham direcionamentos diversos, partiram e são encaminhadas para pontos em comum. De modo a preservar a identidade dos sujeitos (Brasil, 2018), ao longo do texto os materiais elaborados pelos residentes estão identificados pela consoante R (Residente) e um numeral (1, 2, 3...).

Dado os limites do texto, esta produção se mostra organizada em três tópicos além desta introdução e das considerações finais. Inicialmente se analisa, a partir da bibliografia correspondente, a importância do trabalho de campo na formação do professor de Geografia, em seguida são discutidos os dados das produções individuais dos residentes acerca da visita e por fim observa-se a produção coletiva destes estudantes e os desdobramentos verificados no subnúcleo de Geografia ao longo dos dezoito meses de vigência da proposta.

Um contexto de práxis: o campo na teoria e na prática

As vivências de campo configuram-se em importante metodologia de ensino-aprendizagem de Geografia, quer seja na educação básica ou superior. Ao se lançar mão desse percurso formativo no âmbito de um programa institucional que visa tanto a formação inicial de licenciandos, a formação continuada de professores no exercício da docência e o desenvolvimento de projetos inovadores para o trabalho didático-pedagógico (Capes, 2018), entende-se que se amplia o horizonte de possibilidades de construção de conhecimento articulando teoria e prática em prol da compreensão da “ordem espacial das coisas, pessoas e fenômenos” (Gomes, 2017, p. 144).

A vivência em campo pode ser pensada na Geografia sob diversas perspectivas, Silva (2022), por exemplo, amparada em outros investigadores, diferencia o estudo do meio e a pesquisa e o trabalho de campo. De acordo com a autora essas abordagens têm como

características fundamentais a saída do estudante do espaço habitual de realização do contato com o conhecimento científico (a sala de aula) e o mergulho do estudante, de modo mediado, em determinado recorte socioespacial a fim de coletar, descrever e analisar dados daquela realidade em prol da compreensão de uma situação específica.

Desse modo, a saída de campo passa a ser lida na condição de uma “atividade de reconhecimento das dinâmicas espaciais e de investigação dos seus elementos e processos constituintes, realizada no espaço de manifestação do fenômeno em análise” (Copatti; Pereira; Paim, 2022, p. 30). Para que isso aconteça, no entanto, se faz necessário o prévio planejamento do docente frente a um conjunto de objetivos e expectativas de aprendizagem bem definidos, construção de roteiro para coleta de dados com a identificação e definição de lugares, pessoas e situações que serão alvo da investigação, delimitação e construção dos instrumentos de coleta de dados, definição dos formatos de socialização dos resultados etc. Esses pontos são fatores básicos para a mediação da aprendizagem nas etapas pré, durante e pós-campo.

Todavia, outros fatores se mostram igualmente importantes de serem analisados. Conforme identificado por Silva e colaboradores (2023, p. 92), o IFB tem passado por uma série de restrições orçamentárias que se “estabeleceram entraves para a execução de atividades[...] como saídas de campo”. Esse fator, por seu turno, tem sido contornado por atividades que exijam menor deslocamento ou possam ser realizadas pelos licenciandos de maneira individualizada, como a aula de campo descrita por Silva e Pinto (2024).

Dado esse conjunto de fatores problemáticos, mas entendendo a importância da experiência de campo na formação inicial docente, o subnúcleo PRP/Geografia/IFB propôs, como uma de suas primeiras atividades, saída de campo destinada a se conhecer as imediações da Fazenda Água Limpa (FAL) e a trilha do trem nas proximidades da Quadra 29 da Região Administrativa (RA) Park Way. Para a realização do proposto, o grupo contou com a participação de um estudante do curso que não integrava o Programa, mas que atuou como guia para os demais. Previamente foram designadas algumas incumbências, definidos os participantes e selecionados textos de compreensão do contexto a ser analisado.

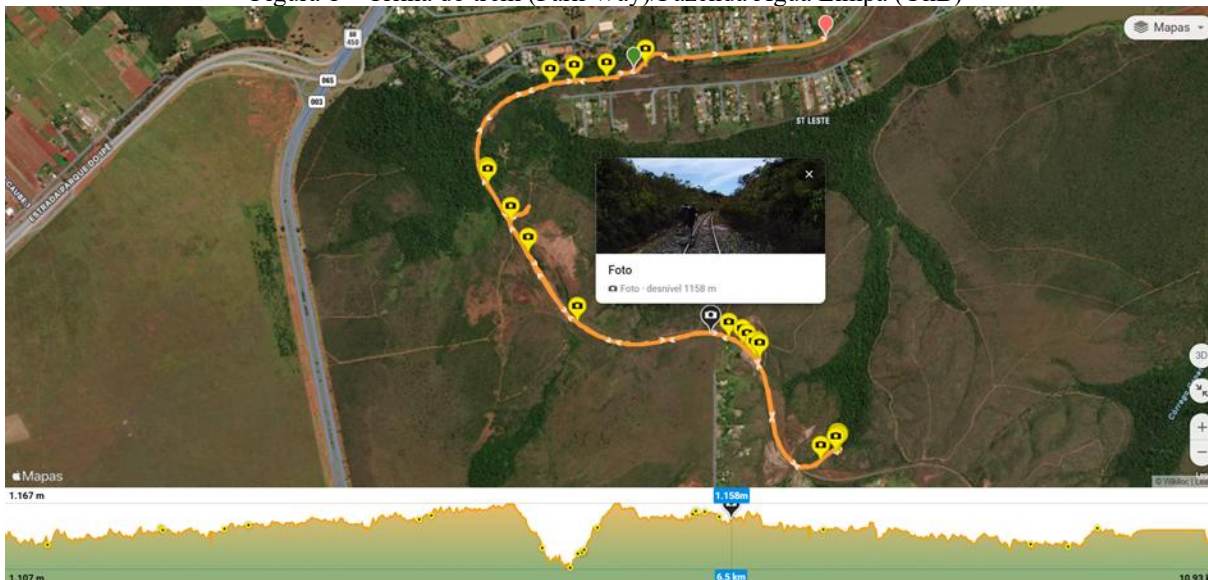
A atividade teve duração de um turno (matutino) e somente foi possível dado o deslocamento em formato de carona solidária, onde os residentes com automóveis viabilizaram o traslado para aqueles que não possuíam meios de deslocamento para chegar ao ponto de partida da trilha. O IFB cedeu uma caminhonete na qual foram transportadas bicicletas e outros itens de maior peso necessários para a realização da atividade. Destaca-se que a necessidade de transporte solidário pré-atividade e o uso de bicicleta durante o percurso inviabilizou a participação de todos os residentes, mas nem por isso, se mostrou menos promissora, conforme

apontado nos itens subsequentes. Esses aspectos se aproximam dos achados de Tomita (1999, p. 14), para quem:

Há inúmeras dificuldades em nossas escolas, em relação à prática de trabalho de campo. A rigidez da estrutura, corroborada, muitas vezes, pelo corpo administrativo, cria barreiras alegando a indisponibilidade dos horários e dos atrasos nos programas pré-estabelecidos. Supõe-se que nem todos simpatizam com propostas que, muitas vezes, são interpretadas como perda de tempo e, mesmo assim, confundem o trabalho de campo como um mero passeio.

Ainda que esses e outros entraves sejam evidenciados, é inconteste a importância de atividades como esta na formação de professores e na aprendizagem dos estudantes da educação básica. Desse modo, durante a atividade motivadora desta escrita, a primeira orientação realizada foi acerca de aplicativos e possíveis instrumentos de navegação, orientação, localização e registro que podem ser acionados em atividades correlatas. Um desses instrumentos oportuniza a utilização dos referenciais demarcados no formato *offline*, além de ser possível de serem inseridas informações gráfico-imagéticas (Figura 1). Os pontos previamente estipulados serviram de parada para a discussão de determinados aspectos relacionados à paisagem e à configuração socioespacial identificada.

Figura 1 – Trilha do trem (Park Way)/Fazenda Água Limpa (UnB)



Fonte: Wikiloc (2021).

Durante o percurso foi possível identificar diferentes fitofisionomias do cerrado, além de formatos distintos de uso e ocupação do solo distribuídos na paisagem. No entanto, para que se pudesse aprofundar na discussão e compreensão de como o espaço geográfico tem sido produzido neste recorte socioespacial, foi necessário adotar o conceito de paisagem elaborado por Santos (1988, p. 61), para quem a paisagem é “tudo aquilo que nossa visão alcança é a

paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”.

A partir desse entendimento de paisagem é possível dinamizar e complexificar a leitura socioespacial estabelecida, dado o entendimento de que “o espaço é o palco que serve de sustentáculo para as ações, mas ao mesmo tempo ele interfere, possibilitando, impedindo ou facilitando estas ações” (Callai, 2020, p. 63). A paisagem, assim, é um referencial para a compreensão do espaço, mas que precisa de outros aportes teórico-metodológicos para garantir o entendimento de como as relações sociais, políticas e culturais grafam o espaço e são igualmente atravessadas pela potência do lugar onde se desenvolvem.

O trabalho de campo realizado na trilha da Fazenda Água Limpa (FAL), possibilitou uma vivência significativa que articulou teoria e prática de maneira concreta no âmbito do Programa. A experiência foi construída com planejamento prévio, considerando o trajeto, os objetivos e os materiais necessários, o que garantiu um percurso formativo e reflexivo. Ao longo da trilha, foi possível observar diferentes aspectos do Cerrado, como as fitofisionomias variadas (campos limpos, sujos, matas de galeria), bem como as formas de uso e ocupação do solo. Essa observação em campo permitiu reflexões e ponderações acerca de como o espaço geográfico é construído pelas relações humanas e naturais.

Ao adentrar o Cerrado, a leitura da paisagem ganha um novo sentido. A partir da concepção de paisagem proposta por Milton Santos (1988), entende-se que aquilo que a vista alcança carrega marcas de processos históricos, sociais e culturais. Assim, o trabalho de campo não pode ser considerado um passeio, mas uma imersão no espaço vivido, onde é possível relacionar o que se estuda em sala com a realidade do território. A FAL, como espaço conservado e vinculado à pesquisa, evidencia como é possível unir ensino, pesquisa e extensão em uma mesma experiência, contribuindo para a formação crítica e cidadã dos residentes e professores.

Essa vivência reforçou a importância do trabalho de campo como prática pedagógica para residentes, futuros professores, e para os que já são professores (Costa, 2024). Mais do que construir conteúdos, é preciso proporcionar aos estudantes experiências que permitam compreender o lugar onde vivem, ampliando seus olhares sobre o mundo. O campo mostra é possível construir conhecimento a partir da vivência, reflexão e apropriação do espaço. A partir dessa experiência, percebe-se que o Cerrado é também uma sala de aula viva, cheia de possibilidades para ensinar, aprender e transformar. A partir dessas ponderações, as atividades de sistematização da experiência vivenciada no campo estão descritas nos tópicos seguintes.

Olhares individuais para o campo

Após a atividade de campo, na condição de pós-campo, cada residente precisou elaborar um texto que respondesse a um conjunto de sete questões previamente definidas voltadas para a verificação dos itens tratados durante a incursão *in loco* com aqueles estudados durante a formação inicial. Os residentes realizaram a entrega desse material por e-mail, o qual foi lido e devolvido com considerações acerca do que poderia ser melhorado ou ampliado. Não foi exigido nova devolutiva uma vez que, posteriormente, se fez necessário o envio de uma atividade coletiva acerca do campo realizado.

Pautando-se na atividade individual, foi destacado pelos bolsistas aspectos relacionados à configuração físico-natural do ambiente do Cerrado e da constituição urbano-regional de Brasília e do DF. De acordo com um dos extratos desta atividade uma residente declara que “[o campo n]a FAL propicia uma reflexão sobre o bioma cerrado, sobre as articulações ferroviárias que acompanharam a construção de Brasília. Bem como demonstra a potencialidade de um ambiente conservado ser um lócus de turismo, pesquisa e extensão” (Atividade R1). Os aspectos descritos pela residente podem ser verificados pela configuração paisagística evidenciada na figura 2.

Figura 2 – Paisagem de trecho da Trilha do trem (Park Way - DF): Fitofisionomias do Cerrado e áreas de ocupação de Brasília



Fonte: os autores (2022).

Sob esse olhar, outra residente assinala que este campo “permitiu a exploração de debates intrínsecos na Geografia” (Atividade R2). Ao demarcar como os conteúdos trabalhados em sala de aula puderam ser notados na atividade, a residente prossegue o texto:

O primeiro exemplo a ser mencionado, com base nos debates ofertados nas disciplinas de Estágio e de Práticas, compreendi a importância do planejamento do plano de aula e das reflexões acerca de quais práticas pedagógicas aplicar para a execução de uma

aula que pode ser realizada em diferentes espaços, seja em sala de aula, parques ecológicos, museus e outros espaços (Atividade R2).

Neste excerto, aponta-se para o momento pré-campo, em que a necessidade de um planejamento sério, coerente, mas aberto às possibilidades verificadas no decorrer da imersão no contexto analisado (o campo) se fazem necessárias para que a atividade seja bem sucedida. O que se evidencia com a análise do declarado é que o campo é uma importante ferramenta para viabilizar a práxis educativa e a compreensão de como a prática docente é complexa e se constitui por diferentes interações.

Ficou explícito aos residentes que ir à campo não se restringe à realização de um passeio ou atividade correlata. Sob esse horizonte um dos residentes afirmou que “ao longo da trilha da FAL foi possível presenciar diversos aspectos físico-naturais do Cerrado, e das nuances acentuadas com as observações do orientador e do guia” (Atividade R3). É fundamental, portanto, a mediação e o olhar direcionado para determinados itens da paisagem analisada. Esses itens são definidos de acordo com os objetivos estabelecidos previamente. Nesse sentido, retoma-se o texto elaborado por R2 acerca dos conhecimentos específicos da área de Geografia trabalhados no campo. A residente reflete que ao longo da atividade foi possível notar itens relacionados a:

Disciplinas de Geomorfologia e Geografia de Brasília e do Cerrado, é possível a identificação geomorfológica de algumas rochas e minerais encontradas no percurso, e também, características da vegetação local na FAL, que possibilitam a identificação do bioma da região o Cerrado campo sujo (Atividade R2).

De acordo com Copatti, Pereira e Paim (2022, p. 34) “o trabalho de campo na formação de professores de geografia, tem [...] uma importância ímpar pois alia um conjunto de elementos e, também, possibilita a relação entre conhecimentos científicos e o recorte espacial oriundo de uma realidade observada”. Nesse sentido, a partir do contexto trabalhado, uma das residentes refletiu que “[...] para nós, enquanto futuros professores, nos possibilita uma imersão reflexiva acerca dos conteúdos a serem trabalhados a partir das vivências neste trabalho de campo” (Atividade R1).

Consoante ao descrito, outro residente pontuou que “a trilha contribuiu demasiadamente, com a formação pessoal, intelectual e física dos integrantes, pois a experimentação da natureza torna qualquer momento prazeroso, inclusive para o aprendizado do discente, seja qual for a idade” (Atividade R4). A declaração deste residente avança no sentido de testemunhar a vivência de campo também na dimensão do corpo, escala de análise por vezes negligenciada no âmbito da Geografia. Por meio desse excerto, nota-se ainda que o campo além de permitir a compreensão de diferentes conteúdos favorece o relacionamento

interpessoal e também a interação respeitosa com o ambiente visitado. Todos esses aspectos são cruciais quando se tem em mente que a atuação profissional destes residentes será com crianças e adolescentes em diferentes unidades escolares do DF e de outras partes do país.

Acerca de outro item das questões, um dos residentes reitera que “os artigos sobre a trilha ecológica como instrumento da educação ambiental, nos fez pensar sobre cuidados com segurança, o respeito pela natureza não deixando resíduos sólidos no trajeto, esquemas de percurso” (Atividade R4). A partir desses elementos, entende-se que a formação possibilitada pelo trabalho de campo abarca questões que ultrapassam a margem da formação intelectual, abrange questões procedimentais e atitudinais em íntimo contato com os aspectos teórico-conceituais.

A partir dessas reflexões e concordando com Tomita (1999, p. 15) no que concerne à ideia de que “o trabalho de campo é uma prática indispensável para o ensino de Geografia, mas não suficiente. Não se deve encarar essa atividade como um fim, mas como um meio que tenha o seu prosseguimento”, foi estipulado aos residentes a elaboração de uma proposta coletiva de trabalho de campo a ser implementada nas escolas-campo do PRP/Geografia/IFB, tendo como referenciais iniciais os documentos norteadores da educação básica no DF. Os dados deste trabalho estão apresentados no item subsequente.

Coletivizando o diálogo e a aprendizagem

Um dos princípios do PRP é a aprendizagem coletiva, o diálogo horizontal e a formação orientada. Sob esse cenário, o grupo de residentes que anteriormente havia realizado a atividade individual de localizar, descrever e analisar a espacialidade da Trilha do Trem/FAL, precisou atuar conjuntamente na elaboração da segunda atividade. Neste momento foi solicitado que pensassem na possibilidade de trabalhar o que foi verificado durante o campo nas salas de aula das escolas integrantes do sub-núcleo PRP/Geografia/IFB.

Essa segunda atividade aproximou-se uma reflexão trazida por uma das residentes, segundo a qual:

para nós enquanto discentes e futuros professores da educação básica, o foco principal é compreender os processos que se relacionam e entrelaçam com o construir um trabalho de campo/visita técnica para que possamos enxergar e fazer com que nossos estudantes enxerguem a realidade em que vivem (Atividade R1).

Antes, porém, cabe um destaque apresentado na atividade individual de outro residente acerca das possibilidades de replicar a atividade junto aos estudantes da educação básica:

Uma visita à FAL, fazendo a trilha, é praticamente impossível em grupos escolares. Porém, estando em um ônibus escolar, é claramente possível fazer uma parada rápida

para conhecer a área do trilho, e até fazer uma pequena caminhada em um trecho mais curto do que a feita pelos residentes (Atividade R3).

O que se observa no conjunto desses apontamentos é que cada atividade de campo é única e carece ser planejada e executada de acordo com as especificidades do grupo que está realizando a sistematização das aprendizagens por meio do contato com o espaço visitado. Essa visita inicial pode servir como reconhecimento do campo e das dificuldades verificadas no percurso para então ser adaptada aos estudantes da educação básica.

De modo geral, a execução desta segunda atividade exigiu dos residentes a consulta a outros materiais, em especial quando buscaram analisar o contexto da linha férrea presente no decorrer do percurso. A leitura desses e de outros materiais ratifica as proposições de Copatti, Pereira e Paim (2022) para quem o momento do campo deve ser subsidiado antes, durante e depois por diferentes registros quer sejam produzidos pelos envolvidos na dinâmica naquele momento ou por quem produziu o material previamente.

Dentre as leituras realizadas, um dos residentes afirmou que “quanto às leituras realizadas, o currículo em movimento nos ajudou em como separar por conteúdo e objetivos as atividades que seriam desenvolvidas” (Residente 4). A partir desse referencial foi possível propor a realização da atividade descrita no quadro 1.

Quadro 1 – Proposição de trabalho de campo para a Educação Básica

	Objetivos	Proposta Metodológica
6º ano	<p>Examinar as dinâmicas do relevo, solo, clima, vegetação e hidrografia;</p> <p>Problematizar alterações nas dinâmicas naturais produzidas pelas sociedades com fins econômicos, sociais e culturais e seus impactos ambientais e a transformação das paisagens.</p>	<p>Os alunos não poderão fazer a trilha completa, assim como foi feita pelos estudantes da RP, mas estudantes do sexto poderão examinar o cerrado ali perto e chegar perto do trilho.</p> <p>Vai ser problematizado as alterações nas dinâmicas naturais produzidas pelas sociedades com fins econômicos, sociais e culturais e seus impactos ambientais e a transformação das paisagens.</p> <p>Na primeira etapa, a preparação e planejamento, é necessário explicar aos alunos a finalidade da atividade e assegurar que eles entendam a importância de cuidar da natureza. Também vamos discutir as precauções de segurança e fornecer instruções claras sobre o percurso que eles irão realizar.</p> <p>Na segunda etapa, a observação e registro, será orientado aos alunos para observar a dinâmica do relevo, solo, clima, vegetação e hidrografia e realizar anotações em seus cadernos sobre o que eles estão vendo. Vamos encorajá-los a tirar fotos e a coletar amostras de plantas e animais para análise posterior.</p> <p>Na terceira etapa, a discussão em grupo, vamos promover uma discussão sobre as descobertas dos alunos e analisar como as atividades humanas podem afetar as dinâmicas naturais. Vai ser discutido os impactos ambientais decorrentes dessas atividades e pensar em soluções para minimizá-los.</p> <p>Por fim, na quarta etapa, vai ser proposto aos alunos que desenvolvam um projeto de ação para preservar ou recuperar a área que eles visitaram. Eles poderão sugerir medidas para proteger a fauna e flora local e apresentar essas ideias em sala de aula.</p>

Fonte: SEEDF (2018).

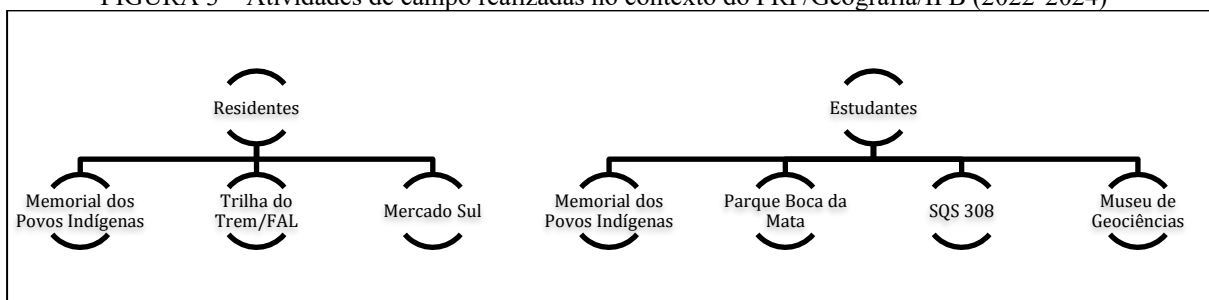
Org.: Atividade coletiva PRP/Geografia/IFB.

Os residentes sugeriram que conteúdos como rochas, geolocalização, tipos de vegetação, biomas, paisagens podem facilmente serem trabalhados durante a realização do campo. Apontaram como percurso metodológico a observação e explicação de fatos, fenômenos e processos naturais e sociais, interpretando a relação evidenciada no campo com o lugar de vivência do estudante. Essa perspectiva se aproxima dos ensinamentos de Callai (2020, p. 62). segundo a qual, “um lugar nunca é isolado no mundo e nem exclusivamente separado dos outros lugares”, sendo, portanto, uma via possível para compreender dinâmicas socioespaciais longínquas e próximas.

Acerca da impossibilidade de realizar o campo da Trilha do trem, destacado pelo residente R3, na atividade coletiva os residentes equacionaram a situação de duas maneiras. Trabalhar em sala de aula com vídeos e fotografias produzidos durante este campo ou realizar o percurso com o apoio das famílias. Em ambos os casos seria necessário a realização de ajustes à proposição construída, mas no segundo caso, certamente se teria ganhos expressivos, visto que facilitaria o transporte dos estudantes e poderia servir como um momento de aproximação entre estudantes, responsáveis e professores envolvidos na atividade. Evidencia-se, no entanto, que não houve menções a propostas inclusivas e adaptadas para estudantes com eventuais dificuldades/limitações, o que se mostra como uma lacuna no processo formativo e na dinâmica inicial do Programa Residência Pedagógica.

Para finalizar, aponta-se que ainda que as escolas integrantes do PRP não tenham realizado, como previamente ventilado, o trabalho do campo FAL/Trilha do Trem, outras atividades desta natureza foram viabilizadas pelos residentes conjuntamente com seus preceptores (Figura 3). Ao se ler os relatos destas ações, nota-se que parte dos aprendizados esboçados nas atividades individuais e coletivas descritas neste texto foram base para as proposições apresentadas. Além disso, evidenciou-se que a preocupação com a inclusão dos estudantes com alguma deficiência também foi considerada nos processos de planejamento e execução destas incursões de campo, as quais poderão ser objeto de análise de outras produções bibliográficas.

FIGURA 3 – Atividades de campo realizadas no contexto do PRP/Geografia/IFB (2022-2024)



Fonte: os autores.

Na figura, as atividades de campo apresentadas à esquerda foram desenvolvidas entre o orientador e os residentes, as quais tiveram posterior desdobramento nas atividades subsequentes (à direita), que foram planejadas e realizadas pelos residentes em diálogo com os professores-preceptores. O PRP se mostra, assim, como uma proposta de formação que traça caminhos e possibilidades de construção do conhecimento docente por meio de um intenso diálogo entre as propostas desenhadas pelos residentes e a realidade vivenciada por eles nas escolas-campo. A mediação deste processo por meio da leitura e do debate teórico é um outro fator que engrandece a formação destes futuros professores.

Considerações finais

Este texto ancora-se numa perspectiva de formação em Geografia que não se limita a uma dimensão tradicional desta área do conhecimento relacionado unicamente à descrição exaustiva de objetos espaciais (Gomes, 2017). Tampouco entende a formação docente como uma dimensão técnica pautada unicamente na execução de práticas sem vinculação com a vivência do estudante. Elege-se o trabalho de campo como uma atividade de caráter formativo para licenciandos e estudantes da educação básica e reconhece que ao se utilizar de ambiências do Cerrado, pode-se sistematizar diferentes conteúdos propostos no currículo escolar do Distrito Federal.

Dessa forma, compreende-se que o trabalho de campo realizado na FAL/Trilha do trem não se restringiu a uma atividade complementar, mas se configurou como uma prática essencial na formação de professores comprometidos com a leitura crítica do espaço. Ao adentrar o Cerrado e reconhecer suas nuances como lugar de pesquisa, ensino e reflexão, reafirma-se a importância de romper com uma visão “tradicional” da Geografia, que tende a se limitar à descrição de objetos espaciais descontextualizados (GOMES, 2017).

Percebe-se, por meio do apresentado, que os trabalhos de campo são propostas de formação íntegra que articulam teoria, prática e vivência do licenciando, possibilitando a construção de um conhecimento geográfico significativo. Inserido no contexto curricular do Distrito Federal, esse tipo de experiência favorece o desenvolvimento de propostas pedagógicas que valorizam o território vivido e contribui para uma educação crítica, sensível ao lugar e voltada para a cidadania e para os alunos.

Referências

BRASIL. República Federativa do Brasil. Presidência da República. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018** – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. Brasília: Casa Civil, 2018.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm
Acesso em: 15 fev. 2025.

CALLAI, H. C. Na Geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Ciência geográfica**, v. XXVI, p. 59-68, 2020. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-04.pdf Acesso em: 14 jan. 2021.

CAPES. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria GAB nº 38, de 28 de fevereiro de 2018**. Brasília: 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/28022018-portaria-n-38-institui-rp-pdf>
Acesso em: 13 dez. 2024.

CAPES. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Informe Nº 1/2022/DEB**. Brasília: 2022. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/resultados-dos-editais/06092022_InformeEditalPRP242022CotasconcedidassIESselecionadas.pdf Acesso em: 13 dez. 2022.

COPATTI, C.; PEREIRA, A. M. O.; PAIM, R. O. O trabalho de campo na formação de professores de Geografia: elementos essenciais para a docência. In: KOZENIESKI, É. M., ed. **Trabalho de campo: contribuições do curso de Geografia- Licenciatura da UFFS ao ensino e à pesquisa**. Chapecó: Editora UFFS, 2022, p. 27-45.

COSTA, T. E. C. Ribeiro da. Residência Pedagógica como potencializador na formação de professores de Geografia: relato de experiências vivenciadas. In: **Anais III Jornada Interdisciplinar de Pesquisa**. IFB: 2024. p. 96-100. Disponível em: <https://editora.ifb.edu.br/documents/124/191-127-PB.pdf> Acesso em: 13 dez. 2024.

DEON, A. R.; NADAL, A.; GABOARDI, S. C.; ALEGRE, S. C. A importância do trabalho de campo para a formação do geógrafo professor: caminhando rumo a uma abordagem socioambiental. In: KOZENIESKI, É. M., ed. **Trabalho de campo: contribuições do curso de Geografia- Licenciatura da UFFS ao ensino e à pesquisa**. Chapecó: Editora UFFS, 2022, pp. 46-66.

GOMES, P. C. C. **Quadros Geográficos: Uma forma de ver, uma forma de pensar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. 159 p.

IFB. Instituto Federal de Brasília. **Projeto Pedagógico de Licenciatura em Geografia**. Brasília: IFB, 2018. 94 p. Disponível em: https://www.ifb.edu.br/attachments/article/16333/Resolu%C3%A7%C3%A3o_%2028_%20ANEXO%20-%20PPC%20Licenciatura%20em%20Geografia1.pdf Acesso em: 20 set. 2020.

IFB. Instituto Federal de Brasília. **Plano de permanência e êxito local - campus Riacho Fundo**. Brasília: IFB, 2024. 27 p. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/11WWB-1t5TFCMqn5tQgE5ARjdBX4uZjjbvCKVl4V4dV0/edit?tab=t.0> Acesso em: 20 maio 2025.

PAVIANI, A. A metrópole terciária: evolução urbana socioespacial. In: PAVIANI, A. *et all.* (orgs.). **Brasília 50 anos – da capital a metrópole**. Brasília: Editora UnB, 2010.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SEEDF. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento do Distrito Federal**. Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais. Brasília, 2018.

SILVA, E. A. **O trabalho de campo em trilhas interpretativas no Cerrado no contexto do Ensino Médio aplicado em uma escola pública de Taguatinga** - Distrito Federal. Dissertação (Mestrado). Brasília: UnB, 2022. 203 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/44778> Acesso em: 13 set. 2024.

SILVA, E. A.; PINTO, J. V. C. Aula de campo: um olhar sob as fitofisionomias do Cerrado na Área de Relevante Interesse Ecológico da Granja do Ipê, Distrito Federal, Brasil. **Espaço em Revista**. 26, 1, p. 161–179. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/74725> Acesso em: 13 maio 2025.

SILVA, E. A. et all. A formação do professor de geografia, no Instituto Federal de Brasília (IFB), campus Riacho Fundo: um relato de experiência no projeto de intervenção pesquisa-ação/Pipa. **Relatos de experiências integradoras e exitosas**, v. 1, p. 88-93, 2023. Disponível em: <https://editora.ifb.edu.br/documents/113/183-120-PB.pdf> Acesso em: 04 mar. 2024.

SILVA, K. A. C. P. Residência pedagógica: uma discussão epistemológica. **Formação Docente** – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 12, n. 25, p. 109–122, 2020. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/437> Acesso em: 17 mar. 2024.

SILVA, L. do C. da. Incrementos à formação docente: leituras pedagógicas e geográficas do Programa Residência Pedagógica de Geografia do IFB. **Revista de Iniciação à Docência**. v. 10, n. 1, p. e16896, 1–19, 2025. DOI: 10.22481/rid-uesb.v10i1.16896. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/rid/article/view/16896>. Acesso em: 5 set. 2025.

TOMITA, L. M. S. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. **Geografia**. v. 8, n.1, p. 13-15, Londrina, 1999. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10199/9006> Acesso em: 13 jan. 2024.